



REGUERA, José Montero. **Miguel de Cervantes e o Quixote: de como surge o romance.** In: Dom Quixote: a letra e os caminhos. 2006. P. 17-43

MIGUEL DE CERVANTES E O QUIXOTE: DE COMO SURGE O ROMANCE

Maria Eduarda Savini Inês¹

Universidade Federal de Alfenas

(dudasavini@gmail.com)

Apoio SESU/MEC – Programa de Educação Tutorial

O texto “Miguel de Cervantes e o Quixote: de como surge o romance”, de José Montero Reguera, fala um pouco sobre o gênero no qual (ou quais, já que o texto engloba diversos outros gêneros anteriores a ele) *Dom Quixote de La Mancha* se encaixa. O autor traz breves resumos da obra e cita alguns exemplos de trechos que mostram porque *Dom Quixote* é, segundo estudiosos, a obra que embasa, que principia o gênero romance como conhecemos hoje. José Montero Reguera, professor de literatura espanhola na Universidade de Vigo e doutor em *Filosofia y Letras (Filología)*, é um cervantista que dedicou sua carreira acadêmica a estudar escritores espanhóis, especialmente dos séculos XVI e XVII – tendo publicações sobre Lope de Vega e Calderón de la Barca, por exemplo –, porém manteve o foco principal de pesquisa em Miguel de Cervantes. Com muitas publicações, Reguera chegou a ser coordenador das leituras de *Dom Quixote* no Instituto Cervantes.

O artigo de Reguera é dividido em nove subtítulos e não é um texto longo; cada uma destas divisões traz informações e exemplos bem apresentados da obra de Cervantes, não sendo tão cansativas de serem lidas. Logo no início do texto, Reguera classifica Miguel de Cervantes como um autor de novelas curtas e cita exemplos de obras escritas por este autor como *La Galantea Rinconete y Cortadillo*, que fazem parte deste gênero. Reguera também cita alguns exemplos de novelas curtas presentes em *Dom Quixote* que são alheias à história central da trama, mostrando mais uma vez que Cervantes era um apreciador das novelas curtas.

Seguindo adiante no texto, encontramos uma tentativa de explicação sobre a possível fonte de inspiração de Cervantes para escrever *Dom Quixote*. A obra cervantina é comparada em uma tabela com uma outra obra chamada *Entremés de los Romances*, que apresenta grandes semelhanças com a história do famoso fidalgo. Esta obra é uma novela curta e, segundo Reguera, isso mostra que é possível que Cervantes tenha imaginado, num primeiro momento, a história de

¹ Graduanda em Letras Licenciatura (habilitação em Espanhol) pela Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG, bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/Conexão de Saberes) da mesma instituição.



Dom Quixote como sendo uma novela curta, mudando de ideia sobre o gênero somente após escrever o décimo capítulo do livro.

Reguera também explica a organização do livro de Cervantes e como o autor se utiliza de artifícios para não deixar a obra ser cansativa demais para os leitores. Um desses artifícios é não manter o foco cem por cento do texto na história principal, a do fidalgo, mas intercalar as aventuras do protagonista com histórias curtas que envolvem outras personagens menos importantes ao longo da obra. Outro artifício, diz Reguera, é potencializar progressivamente as personagens, deixando que elas se desenvolvam com o decorrer da trama e se tornem cada vez mais complexas e interessantes. Um bom exemplo dado pelo professor é o de Sancho Pança, o fiel escudeiro de D. Quixote, que não aparece logo de início na história; ele vai aparecendo cada vez mais até se tornar um dos personagens mais importantes do livro, influenciando muito na vida e nas ações de Dom Quixote.

O autor também coloca em pauta os descuidos cometidos por Cervantes na sua obra prima. Por conta de vários textos terem sido inseridos posteriormente à finalização da obra, há diversas quebras de sequências sintáticas em frases e capítulos, além de títulos que não correspondem ao conteúdo dos capítulos. Estes descuidos foram altamente criticados pelos leitores de *Dom Quixote* ainda na época de Cervantes que, para concertar seus deslizos, comenta os erros na segunda parte do livro através dos próprios personagens, se redimindo, então, com o público.

Outro assunto tratado por Reguera, que é comumente discutido quando se trata de *Dom Quixote*, é a paródia. *Dom Quixote* é uma paródia dos livros de cavalaria (sendo *Amadís de Gaula* o principal livro parodiado) e ironiza de forma clara os heróis idealizados deste tipo de livro. Logo no início da história, Cervantes descreve Dom Quixote como uma personagem “engenhosa, mas de temperamento colérico e melancólico”, quebrando com o padrão de adjetivar as personagens como valorosas, virtuosas, etc.; além de colocar como personagem principal um fidalgo, que era considerado um nobre somente no título, pois de riqueza nada tinha, o que em si, já é uma desvalorização do herói da obra. Reguera também dá uma breve, porém interessantíssima, explicação sobre a origem e um jogo de palavras que há nos nomes das personagens do livro de Cervantes, que também ridicularizam e dizem algo sobre características físicas e psicológicas das mesmas. Logo após essas breves explicações sobre elementos paródicos, o autor cita Henry Fielding, que diz que “*Dom Quixote*” mescla o épico, o lírico, o cômico, o trágico, sendo a primeira obra a revolucionar dessa forma e a firmar as bases do gênero romance.

Em certo ponto do artigo, é resumida rapidamente a história do *hidalgo* Alonso Quijano, onde vivia, como vivia, sua relação com outras personagens, como passava seu tempo livre – lendo livros de cavalaria, que foi também o que o enlouqueceu. O autor apresenta os elementos que constroem o protagonista e a ridicularização que eles causam nesta personalidade. Apesar da comicidade presente na construção da personagem principal, Cervantes consegue, de forma genial, trazer um ser extremamente complexo para seu livro que se transforma até mesmo num símbolo mundial.



Sabe-se que Cervantes termina a primeira parte de sua obra prima deixando lacunas para que a história pudesse ser continuada e Reguera levanta a hipótese de que o autor espanhol começou a escrever a segunda parte de *Dom Quixote* imediatamente após a publicação da primeira parte. A segunda parte desta obra, explica o pesquisador, é uma continuação quase perfeita da primeira, relembrando elementos importantes do início da história e aprofundando-os. Um ponto interessante da segunda parte de *Dom Quixote* apontado no texto do professor universitário é o da saúde mental do *hidalgo*, que parece melhorar, já que não há tantas alucinações e ele até mesmo para de transformar os moinhos de vento em gigantes, por exemplo. Outra hipótese que Reguera levanta sobre a escrita da segunda parte, é a de que Cervantes voltou a escrever as aventuras de Dom Quixote após descobrir que um outro autor, Avellaneda, estava fazendo continuações de suas histórias. O escritor original de *D. Quixote* não gostou de ter seu personagem roubado por alguém e decidiu matá-lo, para que não alterassem mais a história do ícone inventado por ele.

Segundo Reguera, *Dom Quixote* é a obra que “inaugura” o romance e “*toda prosa de ficción es una variación del Quijote*” (RILEY *apud*. REGUERA). *Quixote* engloba, de certa forma, toda produção literária anterior a ele. Esta obra não é classificada facilmente, não se enquadrando na épica nem nas novelas de cavalaria ou nas de aventura nem nas *novellas* de estilo italiano, sendo algo novo. O livro acaba por ser classificado como romance (ou *novella*) por apresentar elementos que são característicos do romance moderno, como a utilização de vários pontos de vista (REGUERA, pag. 22):

[...] a realidade não se oferece a partir de uma interpretação única e unívoca, mas por meio de perspectivas e pontos de vista diferentes, porém complementares, de maneira que a compreensão total de um episódio só é alcançada somando-se as distintas perspectivas do que foi relatado [...].

Existem também passagens em *Dom Quixote* que fazem uma ruptura com modelos antigos e traz o moderno para a obra, como a fusão de vozes de personagens e a mistura de ficção com realidade, que é algo muito comum no romance moderno. Outro elemento da *novella* que se faz presente em *D. Quixote* é a sobreposição de histórias que acontecem simultaneamente e que, aparentemente, não têm relação, mas ajudam a equilibrar a trama.

Para finalizar seu texto, Reguera escreve sobre o sucesso editorial que foi o livro *Dom Quixote* ainda no século de lançamento. O livro rapidamente conseguiu extrapolar as fronteiras da Espanha e, mais adiante, as da Europa também, se tornando o segundo livro mais traduzido do mundo, perdendo apenas para a Bíblia.

Este trabalho de José Montero Reguera trata de um tema muito interessante, que é o surgimento do romance. O ensaio tem análises muito bem-feitas sobre a história de *Dom Quixote* e sobre as circunstâncias que abrangem a escrita desse livro (época, mercado editorial, outros autores que tentaram se aproveitar da personagem de Cervantes). Apesar de ter uma linguagem mais



sofisticada, a leitura do texto não é difícil nem cansativa e acaba sendo até bem rápida. Esta publicação é indicada para estudantes de literatura, principalmente da literatura espanhola, mas de literatura em geral, já que fala sobre o nascimento de um gênero literário. O texto tem muito a acrescentar no conhecimento literário de estudantes, professores ou de quem quer que se interesse por *Dom Quixote* também. A única observação que foi feita é que é necessário ter algum conhecimento prévio sobre a obra cervantina, tendo em vista que Reguera se aprofunda bastante nas pesquisas feitas a partir dos textos de Cervantes e isto dificulta a leitura para quem não é conhecedor, principalmente, de *Dom Quixote*.



Referências

RILEY, Edward Calverley; MONTOYA, Enrique Torner. **Introducción al “Quijote”**. Crítica, 1990.

Recebido em: 17/07/2020

Aprovado em: 03/08/2020